

Duro recado aos bancos

por Getulio Bittencourt
de Nova York
(Continuação da 1ª página)

desde 1982 são impressionantes. "De US\$ 49 bilhões por ano em 1981 e 1982, os empréstimos líquidos dos bancos comerciais aos quinze países mais endividados tornaram-se negativos entre 1983 e 1988, cerca de US\$ 5 bilhões no total. No mesmo período, enquanto isso, o pagamento de juros aos bancos comerciais por esses países totalizou mais de US\$ 160 bilhões. No mesmo período, por contraste, empréstimos oficiais de longo prazo a esses países somaram US\$ 70 bilhões", contabilizou.

"As razões da relutância dos bancos para emprestar são compreensíveis", reconheceu Camdessus. "A profunda queda de preços de seus ativos no mercado secundário obviamente agravou essa relutância." Mais adiante, embora repetindo que compreende essa relutância, ele também se mostra preocupado.

O diretor-gerente do FMI se diz "preocupado com o entrincheiramento geral dos bancos e sua persistência, num momento em que, mais e mais países estão-se movendo para realizar reformas econômicas necessárias. Eu estou preocupado com o sinal que isso envia para os países endividados". Camdessus diria mesmo que "estou preocupado porque nós podemos, nesse processo, entrar em rotas de confrontação".

Mas Camdessus observou igualmente que, "até aqui, um dos principais sucessos da estratégia da dívida tem sido a manutenção de um sistema bancário saudável. E é do interesse de todos que assim continue. Mas é também essencial que vocês apoiem programas de ajustamento providenciando o dinheiro novo necessário. É essencial que vocês se juntem a nós na implementação dessa nova estratégia da dívida do Terceiro Mundo.

A cooperação que o FMI espera dos bancos comer-

ciais foi então definida por ele em quatro itens: o financiamento para países com programas de ajustes no início do programa, para que ele tenha melhor chance de sucesso; a ampliação dos programas de redução de dívida e serviço de dívida; a aceleração do processo de decisão nas diretorias dos bancos; e liberar-se da prática do menor denominador comum, para que cada banco possa fazer o máximo dentro de sua capacidade.

"Se os bancos desejam se desengajar dos empréstimos soberanos, ou desejam trocar seus títulos por ativos mais seguros, isso é legítimo", reconheceria Camdessus. "Mas essas operações precisam ser feitas em torno do valor de mercado por esses títulos", explicou. Os bancos não podem ver o mercado apenas do seu lado.

Camdessus prestaria em seguida uma dúbia homenagem aos comitês assessores de bancos, que até aqui estão renegociando a dívida externa do terceiro mundo. "Eles estão fazendo considerável trabalho", ironizou. "Eles vão, portanto, estar aptos a enfrentar os problemas que teremos apenas se satisfizerem três condições: a de que não haverá ilusões de que, através da protelação das negociações, os bancos poderão — sem maiores custos — induzir o setor público a aumentar sua contribuição; que o processo de decisão seja acelerado; e que seja exorcizada a prática do menor denominador comum".

Ele repetiria, insistentemente, que "nós não podemos fazer mais", referindo-se às instituições financeiras internacionais. E concluiria avisando que "não é exagero quando eu disse a vocês hoje que estamos numa encruzilhada. Duas estradas estão abertas à nossa frente. Ambas têm seus perigos. Uma não leva a lugar algum. A outra pode levar a um futuro melhor para países que são seus clientes, e a um crescimento econômico mundial equilibrado".

Duro recado aos bancos

por Getúlio Bittencourt
de Nova York

"Deixem-me ser bem franco com vocês", disse ontem o diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI), Michel Camdessus, para a platéia de banqueiros reunida no Instituto de Estudos Financeiros e Bancários de Paris. Nas treze páginas que se seguiram a essa frase Camdessus não poderia, de fato, ter sido mais franco.

Ele primeiro reconheceu que "freqüentemente se diz que, apesar de nossos esforços, a estratégia para a dívida está paralisada. Eu diria que ela claramente não está alcançando as expectativas que a aguardavam. É correto dar um novo ímpeto à estratégia e restaurar sua credibilidade", anunciou.

Camdessus fez uma minuciosa análise das normas aprovadas pela diretoria do FMI sobre o seu papel no Plano Brady. Mas fez várias advertências aos banqueiros que o ouviam. "O papel financeiro do Fundo, como o do Banco Mundial e dos governos credores, tem seus limites", avisou. "Não acreditem naqueles que dizem que, se vocês reduzirem suas próprias contribuições, vocês podem induzir as entidades oficiais a substituí-los."

Não se trata apenas de sua opinião, mas de números, como ele ilustraria em seguida. "Lembrem-se, aqui, que os credores privados ainda mantêm cerca de 60% da dívida de longo prazo dos devedores-problemas e que as entidades oficiais dobraram sua participação nos créditos a esses países desde 1982. Nossos governadores têm, repetidamente, enfatizado o fato de que o setor oficial não pode continuar substituindo o setor privado. Não ignorem essa mensagem", pediu.

Os dados apresentados pelo diretor-gerente do FMI sobre a transformação dos quinze países de renda média em exportadores líquidos de capital

(Continua na página 2)

O Banco Interamericano de Desenvolvimento (IDB) anunciou ontem a aprovação de dois empréstimos, somando US\$ 120 milhões, para financiar um programa de pavimentação de rodovias em Minas Gerais. Em Washington, o BNCO Mundial (BIRD) aprovou três novos projetos para o setor agrícola, num financiamento total de US\$ 380 milhões.

(Ver páginas 15 e 18)

GAZETA MERCANTIL

* 1 JUN 1989